

O PREGO

Diogo Oliveira Dias⁸

A velocidade das pernas, alternadas em passos largos e com intervalos cada vez mais breves, atacava diretamente os pulmões. A cabeça que vira-e-mexe espiava a retaguarda voltava-se com agilidade para a direção de origem. Era preciso saber para onde continuar. Eles estavam diminuindo a distância, fungando no cangote, aproveitando o vácuo. O coração disparado dançava com os cabelos esvoaçantes e já úmidos de um jeito que o rosto lhes agarrava num grude que logo as mãos desfaziam. Um único fio, teimoso, sempre insistia em ficar, achando abrigo entre os dentes expostos pelo sorriso zombeteiro. Os meninos, retardatários, se desdobravam com passadas desengonçadas e soltavam palavras de incentivo um tanto violentas uns para os outros. A distância, que ora se encurtava, ora se estendia, sanfonando a disputa, deixava o resultado cada vez mais imprevisível. O dia seco e firme fazia a rua de chão ficar como um tapete abandonado à poeira. Cada pisada transformava o rastro em uma nuvem espessa que só caía de volta quando a turba já se via longe. As portas e janelas, assustadas e sempre atrasadas para bisbilhotar o que estava acontecendo, só encontravam a névoa avermelhada e as figuras já em miniatura, prestes a virar qualquer esquina.

A pequena lebre que tentava despistar os lobinhos atrapalhados finalmente conseguiu estabelecer vantagem suficiente para escolher entre dois caminhos. Bifurcados, eles se apresentaram logo ao quebrar à esquerda. Feita a escolha, se enfiou no primeiro estabelecimento que oferecia involuntariamente o perfeito esconderijo. O plano era arriscado. Para que desse certo e ela se safasse, era preciso convencer o dono do lugar a participar, como seu cúmplice. O tempo era escasso e o dono do lugar era eu: um livreiro aposentado, viúvo e com cara de poucos amigos. Ela disse, tio me ajuda eles vão me pegar preciso de um prego tio rápido pra botar aqui ó. Abaixou-se, suada, ofegante, com o cabelo todo desgrenhado. Tirou o chinelo do pé direito e aproximou-se de mim. Botou a velha sola quase colada na minha cara. Um prego? Eu disse. Ela assentiu com a cabeça, numa retórica gestual tão infantil e graciosa que não havia jeito de não participar do seu plano. A alça do chinelo, que de havaiano não tinha nada, arrebitou bem no ponto dianteiro, responsável por manter a sola da sandália sempre em contato com a sola do pé. Não seria menos grave se qualquer outro ponto de

⁸ Universidade Federal de São Paulo; *E-mail*: diogodias.tgu@gmail.com.

encaixe entre a base e a alça tivesse cedido. O efeito seria muito parecido. A corrida teria sido prejudicada, e depois, pronto, fim da linha. Já que o chinelo com suas partes soltas desestabilizaria o todo do corpo, feito um pneu furado. Compreendi o drama, mas infelizmente não podia ajudar com o tal do prego. Não tenho, disse. Sem os chinelos seria muito difícil empreender a fuga. Disse a ela que, se quisesse, poderia se esconder entre os livros, pois poucas pessoas têm procurado algo entre eles. Me respondeu ansiosa que sim, poderia se esconder, mas que eu tentasse arranjar o prego pra ela. Se voltasse descalça provavelmente levaria uma surra da mãe e sabe-se lá quando ela ganharia outro par. A mãe já havia gritado algumas vezes pra ela não correr de chinelo nessas ruas esburacadas. Ela fechou o cenho, ficou de mal humor. Garota invocada! Por isso achei melhor dizer que iria tentar arranjar o prego e aponteí para as edições empilhadas ao fundo do salão. Elas lhes serviriam de fortaleza. Desfazendo o nó do rosto sorriu e correu se esquivando das pilhas de autoajuda e dos compêndios de culinária. Achou abrigo logo atrás da seção de História. Os garotos passaram confusos, sem entender por que aquela disputa tão ganha de repente acabou, assim, com o evaporar da lebre. Contentaram-se depois de alguns minutos com o fato de que não a achariam e, esquecendo-se por quais motivos a perseguiam, logo tomaram para si outras preocupações.

O velho Guimba da quitanda jogou o pano de prato sobre os ombros e deu um tapa no ar, decepcionado por aquela agitação toda ser coisa de moleque que não tem mais o que fazer, como costuma dizer. Eu fico preocupado é quando moleque tem obrigação... nunca vi se decepcionar quando o problema não aparece. Problema agora é entretenimento. Culpa desses programas policiais que estampam as televisões de nove em cada dez botecos - e quitandas também. Vendo-o resmungar do outro lado da calçada, gritei ao velho Guimba perguntando se ele tinha algum prego pra me arranjar. Respondeu lá de dentro com o tom áspero de sempre pra que fosse até lá ajudar a procurar num caixote antigo, cheio de parafusos, porcas, roscas, arruelas, buchas de todos os tamanhos. Porém, no interior da velha caixa predominavam o ocre e o âmbar, eclipsando a luz refletida por minúsculas partes ainda metalizadas. Se fosse para a garota rasgar os pés, que não fosse com aquelas velharias contaminadas. Que sentisse a dor do chão de agora, repleto de pequenas e médias pedras. Nenhuma maior que ela. Nenhuma sequer do seu tamanho. Mas que se tornam um grande medo, infundado no seu real tamanho. A pequena dos pés descalços não sabe que até o mais afiado pedregulho não pode mais que atingir-lhe a epiderme. Além do mais, nunca o suficiente para derrubá-la.

De todo modo, mantive a busca pelo prego. Dei de frente com dona Gerusa voltando do culto. Entre um deus abençoe e um vaicomdeus ela me disse, posso tirar um preguinho de

um dos meus quadro que tá lá na sala, Seu Mané (no caso eu, esqueci de me apresentar). Ela tinha meia parede com toda sorte daqueles que guardam a inscrição “se Deus é por nós, quem será contra nós?”. Me sussurrou - não sei por que - que iria tirar a moldura de um deles da parede e encostar a tela no aparador - vai ver foi pra Deus não ouvir. Assim, poderia me dar o pequeno prego que o mantinha dependurado na parede ao lado da Santa Ceia. Ela não gostava muito do retrato da refeição mais famosa de todos os tempos, mas nesse quadro ela não mexia. Uma boa católica não poderia jogar Jesus fora. Agradei e tranquilizei dona Gerusa com a perspectiva de que seu Pedro poderia me ajudar “com toda a certeza”. Velho gosta de certeza. Disse a ela que ele teria algum sobrando, fincado e esquecido na parede do bar. Ou na pior das hipóteses, segurando as medalhas do União Vila Nova F.C. Minha certeza se dissolveu logo que vi a porta do Pedrão selada. Não entendi o porquê. Depois passo aí e pergunto o que aconteceu, pensei. Mais tarde, antes da noite cair, me chegou a notícia de que tinha dado merda lá no Pedrão no dia anterior. Coisa feia e tal. Parece que dois menores entraram pra tomar o bar, mas tinha polícia molhando as palavras lá na hora. Disseram que o Pedrão tá bem, o resto não sei contar. Não gosto de dar trela pra tragédia que não esteja nos livros.

Quando me dei conta tinha ficado um bom tempo procurando o prego redentor. Estava preocupado, afinal tinha deixado o sebo e a pequena sozinhos. Achei que não demoraria mais que alguns breves minutos para conseguir um mísero prego. Mas é justamente quando o que se procura é essencial que a coisa se esconde nas circunstâncias. Eu mesmo não teria um prego lá no sebo? Esqueci de perguntar pra mim, vejam só. Pois bem, resolvi voltar e procurar nas gavetas onde guardo as fitas adesivas, a cola e o delicado pincel para os pequenos consertos dos livros que chegam meio capengas. Me veio a decepcionante lembrança de que eu não tinha nenhum quadro lá. Um descuido cultural difícil de perdoar. Marlene tinha tantos, onde foram parar? Entrei no sebo e alguma coisa diferente pairava no ar. Um silêncio absoluto, uma tranquilidade perturbadora me confundiam. Um lapso de memória embaralhou minha linha do tempo por alguns segundos e me perguntei por que havia saído e por que voltei. Chacoalhei a cabeça e vi um rapaz fuçando a caixa de quadrinhos. Você viu uma garotinha por aqui? Blusinha azul clara e uma bermuda branca com uma bola colorida estampada?, indaguei. Ele balançou a cabeça negativamente. Meu cenho, estranhando, franziu. Procurei nos quatro corredores, nas pilhas de revistas femininas dos anos 90, nas seções de História, Direito e Sociologia. Procurei nas décadas, nos móveis, nos fungos das roupas no fundo do armário. Mas não encontrei nem um rastro. Perguntei ao rapaz dos

quadrinhos se ele tinha visto um chinelo arrebitado por aí. Me olhou de cima a baixo e disse:
Só esse no seu pé, senhor.